

JEAN GRAVE E AS REDES DO ANARQUISMO FRANCÊS: 1854 -1939 DE CONSTANCE BANTMAN

BANTMAN, Constance. *Jean Grave and the networks of French Anarchism, 1854 - 1939*. Palgrave Macmillan: Switzerland, 2021.

Kuan Willian dos Santos¹

Jean Grave foi um ativista, jornalista e militante anarquista, editor de um dos principais periódicos anarquistas da França, o *Le Révolté*, juntamente com Eliséé Reclus, e posteriormente organizando o *Les Temps Nouveaux*. Já na década de 1880, Grave passou de seu socialismo heterodoxo para as fileiras libertárias, principalmente influenciado pelos escritos de Piotr Kropotkin. Uma de suas principais questões era impulsionar o internacionalismo, ou seja, a ideia de que as insurgências e revoluções não podem se restringir a um grupo étnico ou nacional.

Essa perspectiva não era nova, em 1836 a Associação dos Trabalhadores declarava que “os interesses dos trabalhadores de todos os países do mundo estão identificados”, devendo os operários “formar, se possível, uma união com os países em sua volta.”² O nascimento e a emergência dessa classe, assim como sua consciência, foram marcadas também por seus debates sobre a organização no nível local, mas também de forma transnacional e internacionalista. O autor Marcel Van der Linden nos mostra que a “própria criação da Primeira Internacional (a Associação Internacional dos Trabalhadores, ou AIT) foi, até certo ponto, resultado desses acontecimentos.”³ Antes disso, Marcus Rediker e Peter Linebaugh defendem que pelo menos desde o século XVII, com o avanço da dominação no Atlântico pelas potências europeias do período, as classes populares eram vistas como uma hidra de muitas cabeças,

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorando no Departamento de História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: kuanwillian09@gmail.com.

² “Carta às classes trabalhadoras belgas” citada em VAN DER LINDEN, Marcel. *Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2013. P.298.

³ Idem. P. 299.

unindo “marinheiros, plebeus, delinquentes, amantes, tradutores, músicos e trabalhadores itinerantes de todos os tipos”.⁴

É interessante notar que as discussões entre o local, o nacional e o global também apareceram nas correntes historiográficas que visam compreender os grupos subalternos e seus movimentos sociais e políticos. Uma delas, a micro-história, principalmente a de matriz italiana, acredita que focar em um objeto mais circunscrito, como um grupo, uma pessoa, ou um acontecimento, pode complexificar um processo social mais amplo - econômico, político ou cultural - observando suas nuances, formas de resistências e especificidades. O historiador Giovanni Levi, por exemplo, defende que a proposta de redução na escala de observação precisa primeiramente esclarecer brechas deixadas pelas análises estruturais e conjunturais, ou seja “compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante”⁵. Em segundo lugar, também pode complexificar tais análises e enredos históricos construídos anteriormente. Não obstante, essa narrativa deve ter cautela em não se apropriar dos exemplos minoritários e transformá-los em generalizações, ou ocultar e negligenciar possíveis experiências.⁶ Na verdade, o historiador Jacques Revel revela que “a abordagem micro-histórica [...] afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento.”⁶

De outro lado, outra posição descendente das contribuições da História Social, principalmente sob a lente da “história vista de baixo” e sua junção com a “História Global” é a chamada História do Trabalho Global ou Transnacional, que visa compreender processos históricos do chamado “mundos do trabalho”. Essa corrente versa a história dos subalternos e sua dialética com as instituições em amplos processos que ultrapassam as fronteiras nacionais.⁷ Sendo assim, muitas vezes, essa tendência também trava

⁴ LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P.15.

⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia.” In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P.175.

⁶ REVEL, Jacques. “Microanálise e construção social.” In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P.20.

⁷ Ver VAN DER LINDEN, Marcel Van. *Trabalhadores do Mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas – São Paulo, Editora da Unicamp, 2013.

debates intensos com as pesquisas que reduzem seu foco analítico. Não obstante, autores como Henrique Espada Lima e Marcel Van der Linden defendem que as duas correntes podem se beneficiar, construindo um jogo de escalas. Para Lima, “elas correspondem ao impulso necessário de redefinir os contextos relevantes e as categorias analíticas nas quais escrevemos, entre outras, as histórias de homens e mulheres escravizados, trabalhadores forçados e engajados, empregados domésticos.”⁸ Para Van der Linden, a História Global do Trabalho “não precisa ser feita apenas na grande escala; ela pode incluir também a micro-história”. Seria assim possível escrever uma “história global de um lugarejo, de um lugar de trabalho, ou de uma família”.⁹

Os estudos sobre o anarquismo foram beneficiados por esses debates, influenciando diversas pesquisas com impacto historiográfico. É nesse contexto que podemos alocar a nova obra de Constance Bantman, “Jean Grave and the Networks of French Anarchism, 1854–1939”, publicada em 2021 pela Palgrave Macmillan. Bantman, vinculada ao departamento de Literatura e Linguagens da Universidade de Surrey, no Reino Unido, foca suas pesquisas na história do movimento anarquista francês entre 1870 e 1939, com ênfase nas redes transnacionais e na cultura impressa desses ativistas e militantes. A autora tem contribuições aos estudiosos desse período, investigando como diversas redes anarquistas e sindicalistas eram construídas em meio à formação dos Estados-nacionais. Ela também se debruça às formas de linguagens e experiências libertárias que mudaram e se adaptaram conforme tais transferências e trânsitos. Dentro deles podemos citar a organização da obra “New Perspectives on Anarchism, Labour and Syndicalism: The Individual, the National and the Transnational” com Dave Berry e da obra “Reassessing the Transnational Turn: Scales of Analysis in Anarchist and Syndicalist Studies” com Bert Altena. Também podemos citar os livros autorais como “The French Anarchists in London (1880-1914): Exile and Transnationalism in the First Globalisation”, assim como artigos em diversas revistas espalhadas pelo globo.

⁸ LIMA, Henrique Espada. “No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho”. *Topoi*, v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015. P.584.

⁹ VAN DER LINDEN, Marcel. “The Promise and Challenges of Global Labor History.” *International Labor and Working Class History*, v. 82, p. 57-76, 2012. P.7

Desta vez, a autora prefere reduzir sua lente em um dos militantes anarquistas, Jean Grave, focando principalmente em suas contradições. Nesse sentido, ele era um jornalista lido por milhares (incluindo a França e outros países), mas era tímido e saía pouco de sua casa. Do mesmo modo, ele tinha escritos sobre a importância da solidariedade internacional e foi um dos primeiros a se deter sobre o anti-imperialismo necessário para a luta contra a dominação francesa sob suas colônias, mas nunca saiu de seu país. Ainda, “ele era um homem da palavra escrita, numa época em que o movimento anarquista prosperava através de reuniões, conferências, agitação de rua e ação direta e quando oradores carismáticos ocupavam o centro do palco.”¹⁰

Mesmo assim, ao contrário de ser uma “anomalia”, foram suas elaborações e aproximações ideológicas, estratégicas, táticas e de linguagem, assim como seu reconhecimento entre anarquistas e socialistas que alocam o personagem nessa extensa rede construída entre diversos países, possibilitada pelos avanços dos meios de comunicação e pelas migrações em massa do período. Suas características pessoais não impediram seu jornal de ser usado e fazer parte de uma elaboração coletiva, servindo de palco para a comunicação de diversas organizações, sindicatos, militantes e ativistas. Do mesmo modo, sua introspecção não era impedimento para debates que ocorriam principalmente através de escritos nos periódicos operários, divulgando, discutindo e até organizando a classe trabalhadora em diversos lugares. Ou seja, sua experiência, embora com particularidades, não deixava de absorver, e ao mesmo tempo influenciar, os debates anarquistas e socialistas libertários. Tudo isso acaba transformando sua trajetória política numa chance de compreender tais correntes políticas neste processo histórico. Para Stefan Berger, no prefácio da obra, “a biografia de Grave de Bantman implanta a teoria da rede social para destacar uma série de tensões importantes no cerne da escrita e do ativismo de Grave. Estas foram as “tensões que caracterizaram o anarquismo e as redes anarquistas de forma mais geral.”¹¹

¹⁰ BANTMAN, Constance. *Jean Grave and the networks of French Anarchism, 1854 - 1939*. Palgrave Macmillan: Switzerland, 2021. P.1. Tradução nossa.

¹¹ BERGER, Stefan. “Preface”. In: BANTMAN, Constance. *Jean Grave and the networks of French Anarchism, 1854 - 1939*. Palgrave Macmillan: Switzerland, 2021. P.viii. Tradução nossa.

Para o historiador Davide Turcato, o anarquismo foi muito mais uma “uma Hidra de muitas cabeças, e não uma Fênix que morria e renascia como nova”.¹² Portanto, analisar tal corrente política circunscrita apenas numa fronteira nacional enfraquece o entendimento desse fenômeno. Muitas vezes os militantes políticos radicais migraram em razão de exílios ou repressões, quando enfraquecidos em determinado país ou região, mas logo fortaleciam outro lugar ou rede, criando outras táticas, estratégias e novas ferramentas comunicacionais. Essa intensa mobilidade também fazia tais anarquistas ou socialistas absorverem as pautas de cada localidade, ajudando o anarquismo a ser internacionalista na própria prática. Evidentemente, isso não cancelou a contradição de mobilizarem o trânsito de ideias etnocêntricas ou nacionalistas implícitas dos ativistas viajantes.¹³

O livro de Constance Batman está dividido em oito capítulos. No primeiro, a autora discorre sobre as redes anarquistas, principalmente ancorada em um debate historiográfico e sociológico atual e realocando a experiência de Jean Greve neste contexto. Em seguida, no segundo capítulo, a autora adentra a história do anarquismo francês entre 1854 e 1885, juntamente com a trajetória política de Grave em meio aos seus esforços de comunicação e jornalismo, da tradição da Comuna de Paris e da brutal repressão que se seguiu no país. No terceiro capítulo, Bantman foca no “transnacionalismo sedentário” de Grave, possível graças à construção de redes a partir da participação do personagem em jornais, periódicos, opúsculos, livros e cartas, que eram também ferramentas imprescindíveis para a construção e conformação do anarquismo.

Entre 1892 e 1894, o anarquismo atingiu o ápice da “propaganda pelo fato” com ações insurrecionais violentas de ação direta, e a França é

¹² TURCATO, Davide. “Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915.” *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, vol.52, p. 407–444, 2007. P. 3. Tradução nossa.

¹³ Ver ANDERSON, Benedict. *Sob três bandeiras: Anarquismo e Imaginação anticolonial*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp; Fortaleza – Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014; TOMCHUCK, Travis. *Transnational Radicals: Italian Anarchists in Canada and the U.S: 1915-1940*. UofmgPress: Canada, 2015; PAOLA, Pietro Di. *The Knights Errant of Anarchy London and the Italian Anarchist Diaspora (1880-1917)*. Liverpool University Press, 2013 e TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 - 1945)*. São Paulo - Campinas: Editora da Unicamp, 2004

um dos palcos desses eventos. No quarto capítulo é analisado como Jean Greve estava inserido neste contexto uma vez que seus jornais foram centrais para as discussões e divulgações das diversas atividades libertárias, entrando no circuito também da repressão.

A autora também analisa, principalmente no quinto capítulo, como Jean Grave e outros anarquistas e libertários também debatiam, divulgavam e tentavam intervir na literatura “mainstream”, legitimando sua ideologia também entre classes mais abastadas. No sexto capítulo, no entanto, são evidenciados os limites da propaganda anarquista, criticada inclusive pelos anarquistas que defendiam métodos mais solidificados de organizacionismo. A autora também discorre sobre o “Manifesto dos dezesseis”, documento assinado por Grave, Kropotkin, e outros, defendendo os aliados durante a Primeira Guerra Mundial, e intensamente criticado por outras organizações e redes anarquistas, que defendiam majoritariamente o antimilitarismo. Nesta parte talvez esteja uma das principais limitações da obra, uma vez que ao focar em apenas um personagem, mesmo que inserido nessa rede mais ampla, não consegue adentrar muito as posições majoritárias do anarquismo no período, como no caso da posição contra a guerra, e do “anarquismo de massas”¹⁴, que tinha na estratégia sindicalista revolucionária seu principal vetor.

No sétimo capítulo e em sua conclusão, Bantman foca nos esforços de reorganização do anarquismo e de Grave após 1918, e principalmente sobre a “escrita de si”, tanto do militante, mas também do próprio anarquismo sobre seu período áureo. Ela fala sobre o apagamento das narrativas nacionais em se apropriarem das lutas anarquistas tratando-as como meros avanços republicanos nacionais. Além disso, é também abordado como os próprios libertários mostraram que suas lutas e esforços, accidentalmente ou não, longe de apenas construírem uma ponte para a sociedade libertária que desejavam, também foi imprescindível para a elaboração de uma so-

¹⁴ O autor Felipe Corrêa mostra o “anarquismo de massas” como a estratégia anarquista majoritária no século XX de construir ou adentrar órgãos sindicais (também disputados e construídos por outras correntes políticas) a fim de massificar as lutas de curto prazo (salários, melhores condições de trabalho) e radicalizá-las, transformando-as possivelmente em eventos revolucionários. Corrêa, Felipe. *Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015. P.243-247.

ciedade mais igualitária e democrática. Nesse sentido, a partir da defesa de direitos trabalhistas e até humanos, não só edificaram valores republicanos atuais, de fato, mas valores internacionais, humanitários e antissistêmicos.

Nesse quesito, mais do que ressaltar suas ações de destruição, o foco passa para suas defesas de construção como nas uniões de diferentes povos e etnias, de uma sociedade que todos podem se representar politicamente e socialmente, numa educação pública e gratuita, numa organização sem o trabalho árduo e imposto a partir da concentração de renda e da propriedade dos meios de produção em uma minoria privilegiada, entre outros. Todos esses fatores contribuem para projetos que exatamente transparecem a falência dos Estados-nacionais usuais em garantirem uma cidadania plena.

Este livro, assim como muitas obras que tratam o anarquismo ou o movimento operário além do marxismo e da social-democracia, portanto, é uma boa dica para ser lido e traduzido. A não tradução de diversas obras citadas no debate bibliográfico sobre tal tema revela uma tendência, na realidade, da continuação da narrativa liberal e nacional, acabando por esconder a própria trajetória de trabalhadores e oprimidos que edificaram não só muitos dos nossos sonhos de liberdade, mas também de nossos direitos e visões mais cidadãs e humanas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Sob três bandeiras: Anarquismo e Imaginação anticolonial*. Campinas – São Paulo: Editora da Unicamp; Fortaleza – Ceará: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2014.
- BANTMAN, Constance. *Jean Grave and the networks of French Anarchism, 1854 - 1939*. Palgrave Macmillan: Switzerland, 2021.
- CONRAD, Christoph; BERGER, Stefan. *The Past as History: National Identity and Historical Consciousness in Modern Europe*. Basingstoke: Palgrave Mcmillan, 2015.
- Corrêa, Felipe. *Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- LEVI, Giovanni. "Usos da biografia." In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LIMA, Henrique Espada. "No baú de Augusto Mina: o micro e o global na história do trabalho". *Topoi*, v. 16, n. 31, p. 571-595, 2015.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PAOLA, Pietro Di. *The Knights Errant of Anarchy London and the Italian Anarchist Diaspora (1880-1917)*. Liverpool University Press, 2013.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 - 1945)*. São Paulo - Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

TOMCHUCK, Travis. *Transnational Radicals: Italian Anarchists in Canada and the U.S: 1915-1940*. UofmgPress: Canada, 2015.

TURCATO, Davide. "Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885–1915." *Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis*, vol.52, p. 407–444, 2007.

VAN DER LINDEN, Marcel Van. *Trabalhadores do Mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas – São Paulo, Editora da Unicamp, 2013.

VAN DER LINDEN, Marcel. "The Promise and Challenges of Global Labor History." *International Labor and Working Class History*, v. 82, p. 57-76, 2012.